



\* A. C. Portinari Greggio

## CUIDADO COM OS FALSOS PROFETAS (FINAL)

**O regime existente no Brasil é, de fato, uma olocracia, que em grego significa governo dos piores. A minoria que trabalha e paga impostos está cada vez mais orã em matéria de política. A ideologia da quadrilha no poder já está desmoralizada. Precisamos, agora, passar ao contra-ataque.**

Este é o último drama série de quatro artigos sobre a falsa Direita, que se infiltra nos arraboados e abandonados arrabais da Oposição brasileira, com o intuito de truncar e desviar quaisquer tendências revolucionárias, de modo que não ofereçam perigo ao Esquema estabelecido no Brasil pela oligarquia internacional após o fim do regime militar, em 1985. Esse Esquema — com máisculas, porque não se trata dum esquema qualquer de poder, mas dum projeto global de dominação que vem sendo executado há muitas décadas — se denomina “democracia”. Noutra série de artigos, publicada neste mesmo Inconfidência entre 2009 e 2010, mostramos que essa “democracia” não tem nada que ver com o conceito clássico desse regime, tal como praticado em Atenas e descrito por Aristóteles. A “democracia” da constituição brasileira de 1988, o termo “democracia” tal como é nela definido e pago pelos políticos, é coisa inventada no século 19 junto com o comunismo. Na verdade, não há contradição entre “democracia” e comunismo; só complementares, têm as mesmas raízes ideológicas.

Naquela série de artigos mostramos que o regime existente no Brasil é, de fato, olocracia, que em grego significa “governo dos piores”. Embora o termo tenha sido inventado há mais de dois mil anos, as verdadeiras olocracias são novidade, porque só se tornaram possíveis no final do século 20. Como?

Em toda a História da humanidade, a minoria governante era sustentada pelo trabalho da maioria. A produtividade do trabalho era pequena, de modo que, para manter uma pequena elite, era necessário

tributar ou escravizar a grande maioria. Os progressos técnicos dos últimos 200 anos, porém, mudaram essa proporção, a tal ponto que, no final do século 20, um trabalhador especializado produz o suficiente para sustentar dezenas de pessoas.

Na agropecuária brasileira, por exemplo, a produtividade aumentou 815% entre 1940 e 2010. Um agricultor brasileiro alimentava 19 pessoas em 1940; em 1970, 73 pessoas; e, em 2010, 155 pessoas.

No caso do Brasil, é provável que

***As populações favorecidas acustumam-se à ociosidade e tendem a reproduzir-se descomedidamente, comprometendo irremediavelmente o futuro da nação.***

a 30% da população total.

O progresso técnico inverteu, portanto, a proporção histórica, de modo que é possível, num país, que uma minoria produtiva sustente o governo e a maioria dos habitantes com o produto do seu trabalho. Em condições naturais, seria justo que essa minoria controlasse o poder político. Mas na democracia quem manda é o voto da maioria. Por isso, as democracias se transformaram em minas de ouro para os políticos.

Quando os reis de Portugal descobriram ouro no Brasil, ou quando os da Espanha acharam as minas de prata no Peru, adquiriram o poder quase divino de distribuir favores e riquezas sem tomar nada de ninguém. Os governantes dos países ricos em petróleo, hoje em dia, têm esse mesmo poder.

Pois bem: a moderna democracia descobriu algo semelhante, sem necessi-

dade de petróleo ou de minas de ouro. Basta manter a mídia, controlar a cultura e criar sistema eleitoral tão inclusivo quanto possível, no qual todos os habitantes votem em massa. Esse tipo de eleições automaticamente exclui a minoria produtiva do poder.

Representando exclusivamente a maioria improdutiva, os políticos tratam de aumentar ao máximo os impostos, e destinar o dinheiro a aposentadorias rurais, bolsas-familias, serviços públicos gratuitos, e outras formas de favorecimento que até poderiam ter consequências positivas se resultassem em aumento de competência e de produtividade

de dos beneficiários. Mas o efeito é exatamente o oposto. As populações favorecidas acustumam-se à ociosidade e tendem a reproduzir-se descomedidamente, comprometendo irremediavelmente o futuro da nação.

Os políticos talvez até percebam o desastre, mas deixam-se narcotizar pela ideologia e pela volúpia do poder e da corrupção, e continuam a aumentar a extorsão das minorias, até o limite do genocídio. O leitor pode pensar que é exagero, mas já publicamos, em artigos anteriores no Inconfidência, provas de que a política intencionalmente conduzida pelo governo brasileiro contra a classe média e o setor produtivo da sociedade poderia ser enquadrada nas disposições da Convenção sobre a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio, de 1948.

Como dizíamos no último artigo, a

minorias que trabalha e paga impostos está cada vez mais orã em matéria de política. Pode não ter número suficiente para predominar nas eleições. Mas, se não tem maioria numérica, a minoria tem, e pode virar a mesa. Se continuar abandonada como está, poderá cada vez mais radicalizar-se e aliar-se à verdadeira Direita. Que fazer?

Essa pergunta já deve ter sido feita lá fora, no âmbito da oligarquia internacional. Preocupada com a evidente degeneração do esquema do peté, e com a dificuldade de continuar a enganar com a falsa oposição “democrática”, a oligarquia já ensaia a formação dum falsa Direita.

Como distinguir a falsa Direita da verdadeira Oposição? O primeiro teste é fácil: se a Direita já estiver organizada na forma de instituto, ONG ou outra forma de associação civil, basta verificar quem são os seus patrocinadores.

E se os patrocinadores se ocultarem? Como identificar os agentes?

Um dos critérios mais seguros para separar o ouro da ganga é a coerência doutrinária. Essa é uma das razões pelas quais temos insistido na necessidade de atualizar a doutrina, dar-lhe profundidade e inteireza, e fazer dela um programa positivo de ação, em vez de ficar, como temos estado há anos, simplesmente a contestar e desmentir a propaganda inimiga. A fase contestatória foi útil e cumpriu seu papel: a ideologia da quadrilha no poder já está desmoralizada. Precisamos, agora, passar ao contra-ataque.

Esse será o tema do próximo artigo.

\* Economista, ex-aluno da Escola Preparatória de Cadetes de São Paulo

## MALUF BEIJANDO A MÃO DE DILMA...



A 4 de julho de 2012, o deputado federal Paulo Maluf (PP-SP) beija a mão da presidente Dilma Rousseff durante lançamento do Plano Safra da Agricultura Familiar 2012/2013, no Palácio do Planalto, em Brasília. Imagem foi registrada duas semanas após a polémica foto de Maluf ao lado de Luiz Inácio Lula da Silva e de Fernando Haddad, pré-candidato petista à Prefeitura de São Paulo, que fez a deputada federal Luiza Erundina desistir de ser vice na chapa encabeçada por Haddad.

Quem é mais  
\*#&#@#,  
o que beija ou  
a que estende  
a mão?

